

INFORMATIVO

Ano 1 Nº
2
Outubro/
1977

Informativo interno da Mitra Diocesana de Nova Iguaçu, RJ.

Responsável: Secretariado de Pastoral,
Rua Capitão Chaves, 60
26.000 - Nova Iguaçu, RJ.

Tel. (021) 767-0472

/ Preço: Cr\$ 2,00/

- EDITORIAL -

Cúpula e Base (para reflexão)

Numa diocese como na paróquia e mesmo na comunidade de base há cúpula e base. Opõem-se? combatem-se? anula-se ou tentam anular-se? Então o relacionamento sadio está perturbado e desta perturbação nascem muitos inconvenientes.

De per si cúpula e base deviam complementar-se. A cúpula precisa da base para motivar-se, para conservar-se ligada à realidade. Mas a base precisa da cúpula, para dinamizar-se e receber impulsos.

Somente quando cúpula e base procuram entender-se, para servir a comunidade é que temos em ambas elementos válidos para um crescimento sadio.

A cúpula não é fatalmente cúpula. Quer dizer: nenhuma cúpula deveria entender-se como definitiva e perfeita. O ideal seria se as cúpulas, isto é os órgãos de direção, considerando-se como serviços da comunidade, se dispusessem a mudar, a ceder o lugar a outros elementos da comunidade. Tem po ideal para as cúpulas seria de um a três anos. Outros membros da comunidade assumem. E mesmo que alguns membros/ do grupo de cúpula (como por exemplo o bispo na diocese ou o vigário na paróquia) tivessem, por motivos de estrutura, de ficar mais tempo no seu cargo, a maioria dos integrantes da cúpula deveria aceitar o rodízio e, depois de algum tempo de serviço, entregar a outros a responsabilidade.

E as bases? Numa comunidade sadia as bases têm condições de oferecer elementos de renovação para a cúpula.

Continua

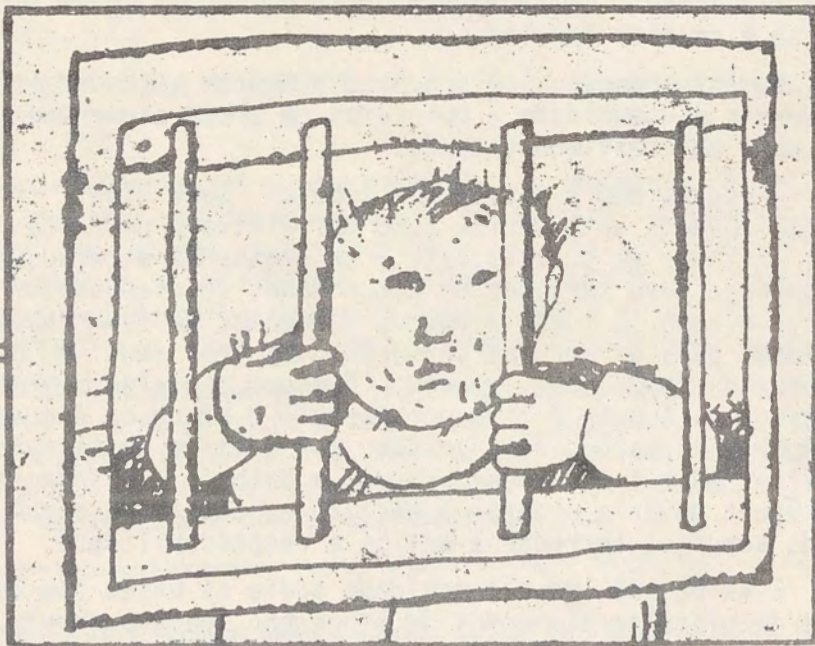
Uma vez que na base muitas pessoas aceitam a vocação de ser vir, então se torna mais fácil renovar as cúpulas. E com esta renovação dos quadros se dá mais chance de acompanhar/ o crescimento da comunidade com otimismo e esperança.

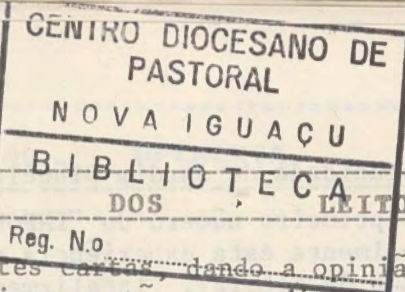
Uma cúpula que tem medo de renovação facilmente se petrifica. E como se julga dona do poder, faz tudo para conservar imóveis as bases.

Na diocese e nas paróquias as bases têm uma função importante: forçar a renovação das cúpulas, através de novas iniciativas, de novos impulsos, de novas atividades.

Quando as cúpulas não se renovam e, como consequência, se imobilizam, uma parte da culpa cabe às bases. E quando as bases se refugiam na passividade, quando as bases surgem vocação de serviço, então seria bom que as cúpulas fizessem um rigoroso exame de consciência: provavelmente estão impedindo a exploração dos carismas e a ação do Espírito Santo.

+ Adriano.





- 3 -

CARTA

Recebemos as seguintes cartas, dando a opinião sobre o nosso "INFORMATIVO". Vejamos então o que dizem os leitores / do INFORMATIVO:

* Diocese de São Mateus (ES)

Caríssimos: recebemos o primeiro "INFORMATIVO" e gostaríamos de continuar recebendo-o. Enviamos-lhes os nossos últimos boletins diocesanos e os roteiros de prioridades diocesanas deste ano sobre conscientização social e política.

Continuaremos mandando. Desejamos-lhes um bom trabalho.
(Pe. Balbino)

* Comunidade de S. Pedro e S. Paulo (Jardim Iguaçu)

A comunidade de S. Pedro e S. Paulo além de dar a sua opinião sobre o "INFORMATIVO", enviou duas contribuições que fortificam uma troca de experiências entre o que as paróquias realizam.

"Gostamos muito do 1º número do "INFORMATIVO" e compreendemos ter uma parte de responsabilidade para a continuidade / do mesmo".

Experiência com Grupos Jovens: Grupo pequeno, simples, mas com grande qualidade: gosta de se relacionar. O grupo partiu para visitas a outros grupos de outras comunidades. / Eles se constituíram numa equipe que promoveu um teatro intitulado "O Fantasma da Liberdade".

Experiência com o Conselho Paroquial: Foi realizada uma assembleia paroquial que tratou de diversos assuntos. Um dos problemas falados foi a situação do bairro em geral. Eles enumeraram três problemas mais urgentes: Calçamento de uma rua, saneamento, escola no local já reservado para ela.

Um grupo se reuniu e já está sendo encaminhado um abaixo-assinado específico para cada reivindicação.

A turma está trabalhando bem.

* Comunidade de Sta. Luzia: (Otília)

Pela primeira vez temos em nossa diocese, um "INFORMATIVO" realmente que fala a pura verdade, dos problemas da nossa Baixada. Tudo o que li neste "INFORMATIVO" é muito valioso e verdadeiro. Agora sim; tem um meio de informação autêntico, sincero e corajoso. Parabéns aos seus colaboradores.

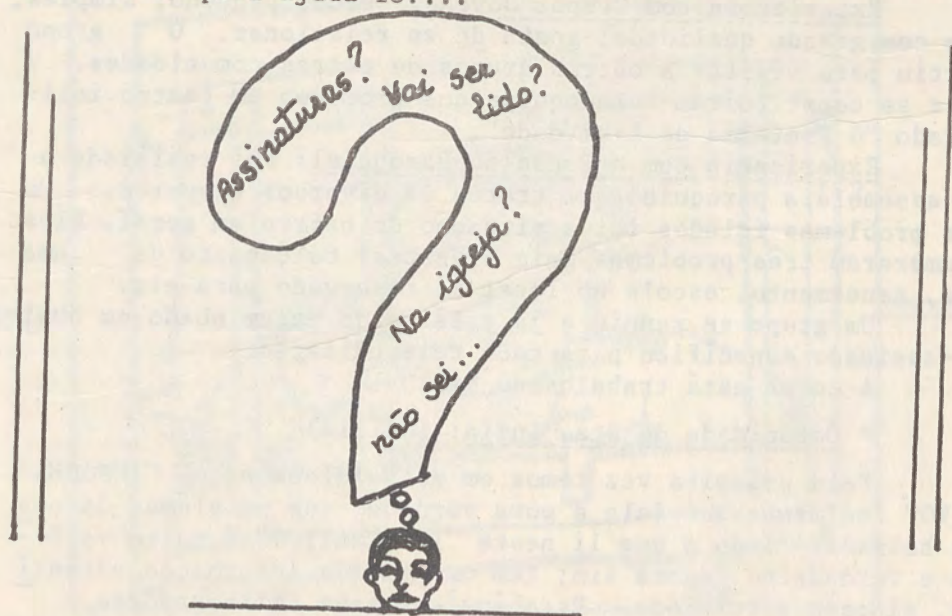
* Comunidade de Jardim Gláucia: (Pe. José Devos)

Li o primeiro número do "INFORMATIVO". O conteúdo é bom, principalmente esta experiência da Educação de base (pesquisa em redor da escola). Infelizmente não sei se o "INFORMATIVO" vai ser lido ou mesmo distribuído. Eu vejo que damos literatura ao pessoal que não tem tempo de ler se não lermos ou estudarmos junto com eles. Se este é o caso, a própria "Folha" já oferece bastante tema. Não vejo tanto a necessidade de mais um informativo visto o fato que o nosso pessoal lê poucas coisas a não ser coisas diretamente ligadas com a vida deles.

Queria saber como fazer com que seja lido este "INFORMATIVO"? Através de assinaturas pessoais? Se deixamos na igreja para quem quiser levar, além de caro, fica na maioria das vezes jogado depois. Se deixamos com os grupos, perde-se facilmente ou fica guardado até acharem tempo para lê-lo.

Para mim o problema maior é a distribuição às pessoas interessadas.

OBS.: Leitor, o Pe. José Devos está com dificuldades, como / demonstra na sua carta. Que sugestões você poderia en viar para ajudá-lo?...



PASTORAL

OPERÁRIA

O QUE É.

Uma ação que permite à Igreja descobrir Deus presente e atuante - mas ainda não revelado - numa classe operária sofrida pelas injustiças e perseguida porque clama pela libertação.

Para caminhar com uma pastoral no mundo operário é necessário:

1 - uma Igreja que toma consciência que existe classe operária, problema operário e movimento operário (não confundir isto com comunismo).

2 - uma Igreja que se coloca à serviço da classe operária (os trabalhadores buscam um novo tipo de sociedade).

3 - uma atitude corajosa de bispos, padres e agentes no sentido de opção pela libertação total do povo oprimido.

Conheço muitos padres, leigos e alguns bispos que estão envolvidos em planos, projetos e programas de pastoral/operária, pastoral do trabalhador, pastoral de mundo do trabalho e muitas outras denominações desta atividade. Depois de vinte anos de militância cristã no movimento operário ainda observo uma grande distância entre os trabalhadores e a Igreja institucional. Primeiro porque a Igreja, digo, na Igreja/ não existe uma unidade de pensamentos e de objetivos claros / no tocante aos problemas operários. Segundo porque esta Igreja ainda não identificada com a classe operária, com o problema operário, insiste em apresentar um Deus para salvar a classe operária, desligado ou condenando o movimento operário. Em contrapartida a classe operária vai vivendo um Cristo engajado no sofrimento do dia a dia. Os trabalhadores não conseguem entender que Deus é este apresentado pela Igreja que permite a existência de estruturas tão injustas, mantidas e aperfeiçoadas por homens que convivem na mais perfeita harmonia com esta mesma Igreja.

Tenho esperanças que esses primeiros sinais da Igreja se transforme no verdadeiro compromisso de revelar à classe operária o evangelho do Cristo Libertador. A pastoral não

vai levar Deus à classe operária. Ela vai encontrar Cristo so frendo na pessoa de cada trabalhador na condução, na fábrica, nas reuniões de sindicato, nas greves, nas perseguições e em todas as formas de luta do movimento operário. É preciso ter muito cuidado para não desviar os trabalhadores da sua caminhada em busca da libertação. Mudar os rumos desta luta ou propor outras alternativas significa trair a classe operária. A pastoral deve ser um instrumento que vai revelar o Cristo presente no processo de libertação total.

Somente a partir de tais critérios é que posso acreditar nos planos pastorais, nos padres operários, nos agentes/ de pastoral (prefiro o termo militante que se identifica com a classe operária). Nenhum plano deve vir de cima pra baixo. Os evangelizadores do mundo operário devem ser os próprios operários. Eis aí a maior dificuldade para a pastoral. Como preparar os operários para evangelizar o seu próprio meio? É preciso preparar os operários que estão comprometidos com o movimento operário, que muitas vezes não acreditam ainda na Igreja mas acreditam nos seus companheiros e na caminhada da classe. Precisamos formar gente que topa a parada mesmo, que não desanima, que não para no meio do caminho, que não desiste, mesmo pressionado, perseguido ou preso. O que vai alimentar esta militância é a fé. Fé que traz esperanças e que torna cada dia mais viva a presença de Cristo e sua Igreja. Não nos preocupemos em primeira instância com os complicados métodos de análise da realidade. Vamos antes dar testemunho do nosso compromisso com a classe e da nossa fé engajada na vida. A partir daí podemos descobrir a necessidade de análise. Os elementos concretos de análise estarão disponíveis e sem os grandes investimentos financeiros. A caminhada é muito longa. O investimento terá que ser a longo prazo. O trabalhador sem instrução, muitos analfabetos e sem grandes recursos intelectuais, raciocina devagar. Mas é fiel e chega lá. É preciso acreditar, acreditar, acreditar.....

=====

	CATÓLICOS	POR	SACERDOTES
	Nº de católicos	Nº de padres	Nº de cat.p/padres
A. Latina:	227.220.000	45.132	6.160
Brasil :	110.000.000	8.546	8.546

NORMAS PARA A PASTORAL

DA PENITÊNCIA NA DIOCESE DE S. MATEUS
(E.S.)

Ficou decidido na última assembléia que as normas continuariam as mesmas de 73, oportunamente revistas como segue:

1. A absolvição geral perdoa inteiramente os pecados, mesmo os mortais, da pessoa arrependida.
2. Tudo indica existirem entre nós as condições para válida e lícitamente usarmos a absolvição geral, conforme previsto / pelo Rito. Então quando como e onde recorreremos ao direito que nos é oferecido?
 - a) Só se dará absolvição geral dentro de uma celebração penitencial comunitária, e sempre separada da missa.
 - b) Tais celebrações sejam cuidadosamente preparadas com grupos de fiéis, que participem do começo ao fim, e possivelmente/ com grupos divididos em categorias, ou grupos homogêneos , tais como jovens, casais, etc.
 - c) Lembre-se sempre aos fiéis, dentro dessas celebrações, a necessária disposição para uma participação proveitosa do Sacramento, isto é, arrependimento sincero, a vontade de conversão e mudança de vida, o empenho de reparar ou praticar/ obras de penitência e caridade. Sem isso, a prática do Sacramento cai na rotina, no formalismo, no abuso tão grave quanto/ o afastamento dos Sacramentos.
 - d) Nas capelas, principalmente nas maiores, julgamos que o padre poderia usar a absolvição geral em todas as visitas (ao menos cada dois meses), após ter sempre conseguido um conveniente espaço de tempo para quem quiser se confessar individualmente.
 - e) Nas Matrizas se organize uma vez por mês, quando o povo / costuma se apresentar mais numeroso, e nas grandes solenidades litúrgicas: início do Advento, em preparação ao Natal; no início da Quaresma e da Semana Santa em vista da Páscoa; na festa do Padroeiro, ou ainda outros casos poderão ser apresentados.

.....

////////////////////////////////////

A	3ª	REGIÃO	PASTORAL
---	----	--------	----------

1. A 3ª Região Pastoral compreende as paróquias de PARACAMBÍ, LAGES, JAPERT, ENGENHEIRO PEDREIRA, e paróquias de S.FRANCISCO, N.Sra. DA CONCEIÇÃO, N.Sra. FÁTIMA e, S. JOÃO, em Queimados.

O principal centro comercial e populacional da região é Queimados. Todos os centros populacionais da 3ª região se formaram ao longo da ferrovia que desde 1858 liga Ja perí à atual estação Pedro II, no Rio de Janeiro.

2. Como toda a Baixada, a 3ª região está em franca expansão. A título de exemplo, eis alguns dados:

Paracambi que, em 1940, tinha 10.095 habitantes: 4.610 na zona urbana e 5.477 na zona rural, possuía em 1973 25.399 habitantes: 22.175 na zona urbana e 3.224 na zona rural. De 1973 para cá a população cresceu em média 10% ao ano.

3. O catolicismo tradicional, há muito tempo, deixou de ser a única religião presente desde a época das primeiras freguesias. O primeiro templo protestante de 1919, em Paracambi, ficou o único até 1948, época em que inicia maior diversificação de Igrejas.

Em 1971, já existiam em Paracambi, 25 Igrejas:

16 Assembléias de Deus; 2 Batistas; 2 Presbiterianas; 1 Metodista e 4 de outras denominações.

4. Uma pesquisa publicada em 1973 apresentava os principais motivos de conversão:

Bíblia e pregação	18,2%
Visitas de crentes e amigos	16,9%
Busca de conforto, tranquilidade e paz.....	16,6%
Desejo de salvação em Cristo	10,3%
Curas e bençãos.....	6,2%
Culto	6,2%
Testemunho a exemplo dos crentes.....	4,1%
Medo do inferno	4,1%
Visões e sonhos.....	3,3%
Outros motivos.....	5,8%
Sem declaração.....	8,3%

Total..... 100%

5. A mesma pesquisa recomendava entre outras as seguintes medidas pastorais na região 3:

- desenvolver os movimentos de grupos bíblicos;
- incentivar a nucleação na área, em vinculação com os problemas sociais;
- iniciar os cultos dominicais sem missa;
- preparar a atuação do leigo.

(1) Diocese de Nova Iguaçu - Protestantismo e Espiritismo - Rio de Janeiro 1973, por Francisco Rolim.

6. Os leigos não participam ainda no Conselho Regional, que se reúne de 2 em 2 meses, na segunda quinta-feira.

As reuniões se realizam na comunidade das irmãs da Casa de saúde Dr. Eiras. Este ano foram tratados os seguintes assuntos:

- preparação de batismo, reunião de casais, catequese, / cursilho de cristandades, novas paróquias, ministério/ dos leigos.

A senhorita Clara Coca do Secretariado Diocesano de Catequese reúne as catequistas de toda a região, no 1º domingo 7 do mês.

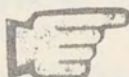
Nesta região, ocorrem fatos graves, estudados na reunião do clero em setembro: O fechamento da Siderúrgica Lanari com o desemprego de 1.100 operários, e o processo de desapropriação de pequenos lavradores, movido pela Imobiliária Normandia.

\$\$\$\$\$\$\$\$\$\$\$\$\$\$\$\$



* No dia 07 de setembro, reuniu-se no Sítio das Irmãs em Língua, os representantes dos grupos jovens da 1ª região. O encontro foi muito proveitoso embora houvesse pouco tempo para estudo. Foi um encontro onde começou-se uma troca de experiência entre os grupos. Participaram representantes de 8 grupos num total de 15 pessoas. O ponto negativo foi a maneira como o pessoal foi convidado, e para vencer esta dificuldade, foi feita uma coordenação / que ficou com a tarefa de fazer um levantamento de todos os grupos jovens da região I e planejar um novo encontro.

fffff



* No dia 18 de setembro, a região IV por sua própria iniciativa, programou um encontro com todos os grupos jovens. Participaram do Encontro cerca de 150 jovens dos diversos grupos. Na primeira parte foi colocado os objetivos e dificuldades encontradas por cada grupo e posteriormente numa 2ª etapa onde os grupos então trocaram suas experiências. Na 3ª etapa, enquanto os representantes dos grupos faziam um relatório e síntese final, os jovens fizeram um show de recreação. Depois disso, houve um lanche, a apresentação da síntese do encontro e uma missa de encerramento. Os jovens da região IV também estão com a perspectiva de formar uma coordenação de jovens da sua região.

fffff



* No dia 02 de outubro, será realizado o encontro de jovens da região VII. Já está sendo feita a convocação através de uma circular que será discutida por cada grupo de jovens. O encontro será na

fffff



* Já estão começando a chegar ao Secretariado, as primeiras respostas do Levantamento da Infra-estrutura Diocesana para o culto dominical. Esperamos ter para o próximo ano a avaliação de todo o levantamento. Para isso é necessário que todos respondam ao questionário enviado.

fffff

"Pela Justiça e Libertação"

(Suplemento EXTRA - Nº 1) do "INFORMATIVO"

"Com a responsabilidade que lhe confere o cargo de secretário-geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), D Ivo Lorscheiter informava à imprensa, no dia 30 de julho último, ter recebido "de fontes fidedignas de Brasília e de Goiás um alerta de que seria iminente a expulsão de D Pedro Casaldáliga do Brasil". D Pedro, como se sabe, é espanhol.

Na semana anterior, em 22 de julho, deixava o Brasil o missionário menonita em Recife, Thomas Capuano, norte-americano, preso dias antes com o Pe Lawrence Rosebaugh, norte-americano também. Os dois exerciam sua ação pastoral junto aos mendigos da cidade. Solto quatro dias depois, o missionário foi obrigado a sair do país porque o Governo brasileiro negara a renovação do seu visto de permanência.

No começo desse mesmo mês de julho, o Ministro da Justiça determinara a instauração de inquérito, pela Superintendência da Polícia Federal de Pernambuco, para efeito de expulsão do Pe Romano Zufferey, suíço, trabalhador no Nordeste há mais de 10 anos como assistente eclesiástico da Ação Católica Operária (ACO).

Na verdade, esses três casos de expulsão ou de ameaça de expulsão não são os primeiros que atingem as Igrejas desde 1964. Eles fazem parte de uma série que inclui, entre estrangeiros e brasileiros (estes, banidos ou exilados), os seguintes:

Já em abril de 1964, o Pe Francisco Lage, antigo pároco na Igreja ao movimento sindical, foi preso, indiciado e processado. Condenado a 28 anos de prisão, asilou-se na Embaixada do México, de onde seguiu para o exílio nesse país. No ano de 1966, era expulso do país o pastor norte-americano Brady Tyson, acusado de ter pronunciado uma conferência em Ribeirão Preto (SP), na qual criticava o Governo brasileiro.

No dia 5 de novembro de 1967, o Exército prendeu em Volta Redonda (RJ) o diácono francês Guy Thibault, acusado da distribuição de panfletos que falavam da situação operária e analisavam a política salarial do Governo. Sua expulsão foi decretada no dia 7 de dezembro. No dia 27 de agosto de 1968, consumou-se a expulsão do Pe Pierre Wauthier, francês, preso desde 18 de julho, durante a realização da greve de Osasco (SP).

O Pe Jan Honore Talpe, belga, foi preso no começo do ano de 1969, acusado de subversão em fábricas de Osasco (SP). Depois de seis meses de prisão, foi expulso, em 8 de agosto de 1969. Acusada de ter dado proteção a elementos subversivos, em Ribeirão Preto (SP), a Imã Maurina Borges foi presa em 1970 e banida para o México.

Frei Tito de Alencar Lima, dominicano, preso em São Paulo desde novembro de 1969, acusado de subversão, foi banido para o Chile em 3 de abril de 1971. Neste mesmo ano, de 1971, o Pe José Pedandola, italiano, que exercia sua ação pastoral entre os pobres da Diocese de Grateús (CE), foi preso pela Polícia Federal e expulso do país.

O Pe Posé Comblin, belga, professor no Instituto Teológico de Recife (PE), conhecido por sua pregação em favor dos oprimidos, ao regressar da Europa, em 24 de março de 1972, foi impedido pela Polícia Federal de desembarcar no Brasil e mandado de volta.

Em 1975, foi a vez do Pe Francisco Jentel, francês, que, em Santa Teresinha, nos confins de Mato Grosso, Goiás e Pará, vinha trabalhando a favor de posseiros da região. Foi preso e condenado mas, no ano seguinte, absolvido. Viajou, então, para a Europa. De volta ao Brasil, com o passeporte em regra, seguiu para Fortaleza (CE). Mesmo sob a proteção do presidente da CNBB, D Aloísio Lorscheiter, Jentel foi preso, sendo expulso em 15 de dezembro de 1975.

Pároco de Vila Rondon (PA), o Pe Giuseppe Fontanella, italiano, foi acusado de estimular posseiros a invadir terras particulares. Foi chamado a prestar depoimento no Quartel-General da 8a. Região Militar, em Belém (PA), e, em 8 de dezembro de 1976, saía publicado o decreto de expulsão.

Tratar-se-ia, nessa série de expulsões e banimentos, de fatos desconexos, cada um deles fruto de circunstâncias específicas? Ao contrário, verifica-se uma coerência nessa ação repressiva. Ela tem o mesmo sentido de outras violências praticadas contra brasileiros e estrangeiros, independentemente de confissão religiosa, cuja ação seja considerada inconveniente pelo Governo ou por grupos dominantes.

Entre muitos brasileiros processados, presos, torturados, condenados e até assassinados, lembrem-se apenas alguns casos mais recentes de perseguição contra religiosos, ocorridos desde julho do ano passado. O assassinato do Pe. João Bosco Burnier ocorreu quando, com D. Pedro Casaldáliga, protestava contra as torturas que estavam sendo infligidas a duas mulheres inocentes pela polícia de Ribeirão Bonito (MT). No momento, continua indiciado D. Estêvão Cardoso Avelar, Bispo de Conceição do Araguaia, no Sul do Pará, tendo sido interrogado durante horas a fio, acusado de subverter o povo da região.

Também se inscrevem nesse quadro os atos de violência estimulados pela ação repressiva e por campanhas de calúnias e insinuações partidas de autoridades — contra os que se empenham na luta pela justiça. Dois casos mais recentes, igualmente ocorridos com religiosos, depois de julho de 1976, podem ser citados como exemplos. O assassinato do Pe. Rodolfo Lukenbein, alemão, missionário entre os índios, ocorreu quan-

do cuidava da demarcação das terras dos mesmos. D. Adriano Hipólito, Bispo de Nova Iguaçu (RJ), sofreu uma bárbara e misteriosa agressão e, em seguida, seu carro foi destruído por uma bomba diante da sede da CNBB, no Rio de Janeiro (RJ). Nesse último caso, tornou-se estranha a rapidez com que o inquérito foi arquivado sem elucidação, especialmente quando se considera o costúmeiro empenho de reprimir os atos de oposição.

Identificação com os oprimidos

O que fizeram esses e outros cristãos para serem perseguidos? Eles foram presos, expulsos, banido, torturados e mortos justamente porque lutavam ao lado dos pobres, dos humildes, dos pequenos, dos oprimidos. Sua dedicação desinteressada revela amor pelos oprimidos e denuncia, ao mesmo tempo, diversas formas de opressão. Sua atuação exemplar — ao lado dos índios, de apoio aos pequenos agricultores e posseiros, junto aos operários e marginalizados — desvenda algumas das injustiças instituídas na sociedade brasileira.

Pela ação e pelas palavras de missionários, fica claro que o extermínio de índios encontra suas raízes na ganância de fazendeiros e de grandes empresas que querem se apropriar da terra que ainda resta às populações nativas. Diversos métodos servem aos propósitos dos exploradores: estradas penetram reservas indígenas e recortam suas propriedades; a violência chega ao morticínio de índios e de seus defensores; a política de "integração" arrasta fatalmente o índio a se tornar mão-de-obra duramente explorada nos seringais e nas fazendas. Não apenas a sobrevivência das pessoas é ameaçada, mas todo o povo é massacrado ao lhe roubar a posse da terra, privando-o das condições necessárias para cultivar seus valores e conservar sua própria identidade.

A dedicada ação de religiosos católicos, pastores protestantes e leigos — lado a lado com pequenos agricultores, posseiros e assalariados rurais — revela a trágica situação de miséria de grande parte da população pelo crescimento selvagem do latifúndio e das grandes empresas agrícolas. Suas condições de vida e de trabalho tornam-se mais duras. Numa trágica contradição, enquanto os favores econômicos governamentais multiplicam as cabeças de gado e ampliam as plantações, o pequeno lavrador vê minguar a alimentação de sua família.

A atuação desses religiosos também se faz sentir entre os operários, que estão no núcleo da produção da riqueza brasileira. Eles foram atraídos às cidades para preencher os empregos da moderna indústria que se instalou em nosso país. Vindos do campo ou descendentes de famílias operárias que já estavam nas cidades, eles cresceram em número. Viram e vêem todos os dias a produção das fábricas em que trabalham crescer em volume e qualidade. Viram e vêem todos os dias seus patrões se enriquecerem de uma forma insultante. Viram e vêem seus salários diminuir pelo arrocho salarial imposto pelo Governo e pelo constante aumento do custo de vida. Viram e vêem a necessidade de empregar seus filhos menores, prejudicando seu desenvolvimento normal e sua formação escolar. Viram e vêem seus sindicatos mutilados, sujeitos a intervenção constante do Governo, impedidos de desenvolver livremente suas tarefas fundamentais de representação e de defesa da classe trabalhadora. O resultado de tudo isso é o operário cada vez mais sacrificado, com fome e sem resistência às doenças.

A ação desses cristãos também revela a opressão na vida de milhões de brasileiros marginalizados da vida econômica, da vida social e da vida política do país. Chegando às cidades em busca da miragem industrial ou expulsos do campo, eles são os marginalizados urbanos e os *bóias-frias*. A ironia consiste em dizer que há pessoas marginalizadas — sem emprego certo e remuneração adequada — porque a população cresce demais.

A verdade é que, para que se dê a concentração da riqueza nas mãos de poucos, não basta rebaixar os salários. É preciso, além disso, manter uma imensa parcela de população que, quando se emprega, se emprega por qualquer preço; e, quando não consegue emprego, constitui a reserva de que se valem os patrões para fazer com que os próprios trabalhadores disputem entre si pela possibilidade de um trabalho.

Existe, assim, uma enorme parte da população das grandes cidades que jamais se empregará ou, quando o fizer, será parcialmente, como biscateiros, vendedores ambulantes, guardadores de cafros, sem qualquer garantia. E os operários rurais, que se concentram nas pequenas e médias cidades, maldosamente apelidados de *bóias-frias*, são vítimas da intermediação do gato, que os contrata como animais de trabalho para os grandes fazendeiros e empresas rurais. Sujuntos à procura diária de emprego, os *bóias-frias* não contam com a garantia do salário mínimo, nem têm a proteção — ainda que precária — das leis trabalhistas, ficando desassistidos e roubados nos seus direitos de assistência médica e previdenciária.

Juntam-se a essas categorias as mulheres, que são duplamente exploradas: ganham salários menores, quando fazem o mesmo tipo de trabalho que os homens, e arcam, ainda, com as pesadas tarefas do lar. Há também aqueles que, atingindo certo limite de idade, são precocemente desempregados porque seus patrões sabem que um exército de jovens está em busca de emprego e que os jovens produzirão mais por menores salários. A multidão dos marginalizados nas grandes, médias e pequenas cidades cresce, à medida que cresce a riqueza produzida no país.

Exigências do evangelho

A identificação desses religiosos com os oprimidos foi determinada por sua aceitação das exigências do Evangelho. Eles sofrem perseguição porque compartilham da luta dos opri-

midos contra a injustiça. Compartilham, também, de sua grande esperança de libertação. Eles, testemunhas fiéis, e nós, solidários com eles, compreendemos que a perseguição recai sobre a Igreja empenhada na transformação do mundo, dedicada a transmitir a boa nova da libertação onde existe a exploração dos homens de carne e osso, na realidade de agora. Sabemos também que a Igreja não sofre perseguição quando se acomoda às injustiças, atuando somente na esfera tranqüila da sacristia e voltando-se para uma espiritualidade abstrata, desligada dos problemas atuais.

É a busca evangélica da justiça que, na perseguição a esses religiosos, está sendo recusada pelo Governo. Busca evangélica fundamentada na palavra de Deus:

"Bem-aventurados sois quando, por minha causa, vos injuriarem e vos perseguirem e, mentindo, disserem todo mal contra vós". (Mateus 5, 11); "Antes importa obedecer a Deus do que aos homens". (Atos 5, 29).

"Porque tive fome e me destes de comer; tive sede e me destes de beber; era forasteiro e me hospedastes; estava nu e me vestistes; enfermo e me visitastes; preso e fostes ver-me. Em verdade vos afirmo que sempre que o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes." (Mateus 25, 35, 36, 40); "O Espírito do Senhor está sobre mim, pelo que me ungiu para anunciar a boa-nova aos pobres; enviou-me para proclamar libertação aos cativos e restauração da vida aos cegos, para pôr em liberdade os oprimidos". (Lucas 4, 18) "Eis que o salário dos trabalhadores que ceifaram vossos campos, e que por vós foi retido com fraude, está clamando". (Tiago 5, 4) "Por ventura não é esta a prática religiosa que escolhi, que rompas as correntes da iniquidade, desfaças as amarras da servidão, libertes os oprimidos e despedaces todo jugo?" (Isaias 58, 6) "Se alguém disser: amo a Deus, e odiar a seu irmão, é mentiroso". (I João 4, 20) "Ele te declarou, ó homem, o que é bom; e que é o que o Senhor pede de ti, senão que pratiques a justiça e ames a misericórdia, e an-

des humildemente com o teu Deus?" (Miquéias 6, 8).

Aspiração democrática


Por comungar com as aspirações do povo é que os missionários são perseguidos. Eles sofrem a mesma sina de muitos, brasileiros ou não — operários, estudantes, jornalistas, educadores, políticos e outros — que foram banidos do país ou constrangidos a fugir por terem ousado juntar-se ao povo em sua luta contra a exploração e a opressão.

Se alguns missionários estão ameaçados de expulsão e se muitos já foram expulsos, o grande e verdadeiro expulso, já há muito tempo, é o próprio povo, especialmente os mais humildes, banidos de suas terras ou massacrados em suas aldeias, obrigados a esmolar ou sujeitos a salários de fome, morrendo à míngua na periferia das cidades, constantemente expostos à repressão policial ou à violência dos patrões, proibidos de se associarem, ameaçados e intimados quando ousam reivindicar os mais elementares direitos.


Não basta que o Governo ponha fim às arbitrariedades contra os missionários. As arbitrariedades continuarão, se continuarem as estruturas de injustiça que as provocam. E essas estruturas só serão modificadas quando o próprio povo puder propor e encaminhar as mudanças a seu favor. É indispensável, portanto, realizar a aspiração democrática da Nação, de modo que o povo possa criar e participar livremente de suas organizações sindicais, profissionais, políticas e outras.

Será possível, então, construir uma sociedade baseada no respeito aos direitos de todos e iniciar a caminhada rumo à comunhão e à paz entre os homens. Nosso compromisso é o mesmo dos missionários perseguidos — o de continuarmos com o povo nessa árdua e longa caminhada.


São Paulo (SP), 18 de setembro de 1977.

 * Já em andamento em toda Diocese a avaliação da pastoral, ao nível paroquial. Encerrada esta / fase, teremos a avaliação em nível regional, cujas sugestões / de como realizar já está em fase de elaboração por parte do Secretariado Diocesano de Pastoral.

fffff

 * Tem chegado ao Secretariado Diocesano de Pastoral, Boletins de diversas dioceses: Diocese de Barra do Piraí- V. Redonda, Diocese de Crateús-Ce., Diocese de Vitória-ES.,etc...

fffff


 * No dia 22 de setembro de 1977, faz um ano que nosso Bispo D.Adriano Hipólito, foi sequestrado, sofrendo torturas por parte de seus sequestradores que se intitulavam AAB (Aliança Anti-Comunista Brasileira). Até hoje os criminosos estão impunes e o processo policial foi arquivado com estranha rapidez. As autoridades policiais nada sabem informar sobre o caso.

Por ocasião, foram recebidas visitas de vários/ bispos, 384 cartas, 216 telegramas e 4.300 assinaturas de comunidades, em síntese a solidariedade de todo episcopado, bem como de padres e leigos.

Como D. Adriano, homem que clama por justiça, ao lado dos oprimidos, muitas outras pessoas humildes, trabalhadoras, sofrem agressões, são assassinadas e os casos são engavetados.

Até quando, viveremos num clima de total insegurança? Até quando a pessoa humana será desrespeitada de seus 7 direitos como integrantes de uma sociedade?

fffff

 * Viajou para Roma o nosso Bispo D.Adriano, para participar no Sínodo dos Bispos. D. Adriano será responsável pelos seguintes temas:

- a) Catequese e comunidade
- b) Catequese e os pobres.

fffff

UM CORPO EM DECÚBITO

***** (Carlos Eduardo Novaes) JB. 22. 09 . 77 *****

NÃO estou entendendo. Não estou entendendo essa grita toda em torno da impunidade a proteger, como disse um jornal, criminosos que, digamos, frequentam a sociedade. Tem sido sempre assim, os exemplos são muitos, e a culpa não é, como fulgam os mais apressadinhos, da Justiça. A culpa, meus caros, é do sistema, um sistema que transformou o dinheiro na medida de todas as coisas. No Brasil, o dinheiro compra tudo; não sei de nenhum dono dessas fincetras que andaram explodindo por aí que esteja na cadeia.

Isto aqui é uma sociedade de classes, e há uma distancia abismal a separá-las. O sistema aprofunda cada dia mais as discriminações sociais a partir de diferenças econômicas. Diariamente, são assassinadas cerca de três pessoas no Rio de Janeiro. Ninguém vê, ninguém comenta, ninguém se comove. E por quê? Porque a importância das pessoas é avaliada pelo tamanho de sua conta bancária. Como disse o delegado Murtinho: "Uma bofetada em Copacabana repercute" muito mais que um homicídio no subúrbio". Outro dia, numa carta a um semanário local, um médico recém-formado, de serviço no Miguel Couto, denunciava a desigualdade de tratamento: quando a ambulância saía para socorrer um morador da Rocinha ou adjacências, levava um estagiário; quando se tratava de alguém de outro nível social, saíam um médico e um enfermeiro. Na matéria da revista Isto É sobre "crimes à brasileira", o redator assinala que o cabeleireiro Kfour, ao terminar seu depoimento, não foi para o xadrez: foi para a enfermaria, conduzido não por um carro de presos, mas por um Opala Spe-

cial do Tribunal. E daí? É assim mesmo: se a desigualdade está na raiz do sistema, como evitá-las na Justiça?

Ano passado, foi realizada uma pesquisa sobre a população carcerária no Rio. Chegou-se à conclusão de que 95% dos presos eram pobres. Os outros 5% pertenciam à classe média e à rica. Pode-se concluir daí que a pobreza é a causa do comportamento delituoso, mas os pesquisadores sustentavam que, entre os ricos, numerosos crimes são cometidos e, por uma série de circunstâncias, "gozam de certa imunidade nos registros das penas". Disse na época o diretor do Sistema Penal: "A polícia não prende homem de paletó e gravata; só quem usa roupas humildes. De preferência, preto. E do subúrbio". Portanto, meus caros, se quiserem fazer algo para tornar a Justiça mais justa, tratem de tornar o sistema menos injusto. Ou então, vamos deixar os lamentos de lado e assumir (queiram perdoar o termo) logo - essas diferenças, imputando a cada qual uma pena não de acordo com a lei, mas com a tabela progressiva do Imposto de Renda. Assim, no caso do Art. 121 do Código Penal — Matar alguém; pena — reclusão de seis a 20 anos, daríamos a pena máxima para pessoas de renda líquida até Cr\$ 35 mil anuais, diminuindo à medida que a renda crescesse, até chegar aos de renda entre Cr\$ 48 mil e Cr\$ 675; que receberiam uma pena de seis anos. Acima de Cr\$ 675 mil, o cidadão estaria isento — poderia matar à vontade.

NOTÍCIAS



* O PIS-PASEP em resumo - sô ganha o máximo de um
salário mínimo quem tem 5 anos de PIS-PASEP e
ganha menos que 5 salários mínimos.

- o dinheiro sai dos próprios trabalhadores
- os patrões é que movimentam o dinheiro todo..
(52 bilhões de cruzeiros).
- o trabalhador não retira a sua cota quando quer
- quem menos ganha é quem menos tem chance de fazer crescer sua cota.

§§§§§



* O Brasil gasta anualmente oitocentos milhões de dólares importando quase todo o trigo que conso
me; por que isso ocorre com um produto vital para a alimenta-
ção do povo brasileiro, numa terra em que se plantando tudo dá?

§§§§§



* No Nordeste em 100 (cem) pessoas, sô oito conse
guem viver mais de 55 anos.

§§§§§



* Os conflitos entre posseiros, grilheiros e grandes fazendeiros têm-se intensificado em toda a pré-Amazônia maranhense, é o que declara o advogado do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Imperatriz (Ma.). Na região cerca de 1050 famílias são impedidas pelos fazendeiros de fazerem suas roças e são pressionados para que abandonem as terras que ocupam. (ESP.- 12-07-77).

§§§§§

A IGREJA ENTRE OS CONFLITOS DA AÇÃO SOCIAL.

(Visão - 18/07/1977).

De acordo com frei Leonardo Boff — professor de Teologia do Instituto de Petrópolis; assessor teológico do Instituto Nacional da Pastoral e da Conferência dos Religiosos do Brasil; com cursos nas universidades de Munique, Oxford e Wurzburg; autor de três livros sobre a religião católica —, há várias correntes na Igreja, em termos de sua participação na sociedade brasileira.

“Uma delas”, explica o frei, “tenta prolongar um tipo de presença que a Igreja articulou, no passado, dentro da nossa história colonial e republicana. Era uma Igreja que se vinculava muito harmonicamente à classe dominante e ao poder estatal. Não nego que isso tenha trazido relativa estabilidade à sociedade. Mas essa paz custou um preço significativo à Igreja, no Brasil. Ela não manteve uma posição eficaz ou evangélica em relação às classes populares. Ao contrário, associou-se ao projeto das classes dominantes. Não apoiou os projetos populares, com seus anseios libertários, de participação, de instrução. Não devemos esquecer que a Igreja, como grande instituição, esteve ausente do debate pela abolição da escravidão. Esse tipo de igreja se encontra hoje ausente dos grandes debates em torno de justiça social, da democratização, da garantia aos direitos mínimos sem os quais uma sociedade não se sustenta.

“Outro tipo pode ser qualificado como igreja moderna. É fruto do esforço de renovação inaugurado pelo Concílio Vaticano II. Ela dialogou e continua sua grande abertura para com a classe média que sai das escolas, das profissões, das universidades.

É uma igreja típica dos cursilhos, dos encontros de jovens. Igreja ilustrada; renovada em sua liturgia; na forma como o clero se insere na sociedade; depondo os sinais que outrora definiam sua sacralidade. É uma igreja que aceita a secularização, embora esteja atenta para seus excessos, que levam ao secularismo. Essa igreja, socialmente, é progressista. Acredita na possibilidade de melhorar a atual situação com os instrumentos que nos são oferecidos pelo mundo moderno, científico e técnico. A igreja moderna apoia o projeto das classes ascendentes, e socialmente é sensível. Não num nível estrutural, colocando à mostra as contradições do sistema liberal, mas no nível do cotidiano. Postula por reformas e nelas acredita e, devido ao preço a ser pago, não coloca o problema de um modelo alternativo à nossa sociedade. Esse tipo de igreja encontra seu respaldo ideológico na teologia europeia, nascida do Concílio Vaticano II ou por ela confirmada. É otimista e aberta mas, num nível estrutural, pouco crítica.

“Constata-se ainda a emergência de um outro tipo de igreja. Mais popular e inserida nas bases religiosas e da sociedade. Torna a sério o fato de ser de Deus e de sentir-se enviada especialmente aos pobres e marginalizados do sistema social e econômico em que vivemos. Por isso, ela se coloca questões importantes como: o que significa ser igreja e anunciar a boa-nova da salvação numa sociedade na qual cerca de 50% da população ganha salário mínimo, com as consequências que desse fato derivam? Pode descansar em seu passado e ignorar este desafio? Evidentemente, esse tipo de igreja assume, decididamente, os conflitos que ela não cria mas já encontra na sociedade. Ergue sua voz profética na denúncia e suporta as oposições a esse comportamento — da sociedade e de outros setores da Igreja — com espírito evangélico. Esse é o tipo de igreja que mais questiona a organização e a conjuntura atuais. E sua crítica não é conjuntural, mas estrutural.” 4

O PAPEL DA EDUCAÇÃO SEGUNDO PAULO FREIRE.

(Extraído da entrevista ao "O MOVIMENTO").

Para mim - diz Paulo Freire - não há uma educação neutra. A educação é em si um ato político. Por ser um ato político, o educador é por excelência um político e como tal deve ter o mais claro possível a sua opção política. Esta é a razão pela qual eu, em seminários, jamais dei ênfase ao aspêcto das técnicas e métodos, pelo contrário, o que eu busco/enfatizar é exatamente o político, a educação como ato político, como ato de conhecimento.

Por ser a educação um ato de conhecimento, o educador/precisa classificar sua opção através da sua ação, como educador, e também da reflexão sobre sua ação, porque é pensando 7 na ação que se pensa melhor; e é pensando na prática que se aprende a pensar certo .

Por exemplo, quando um educador se defronta com um grupo de educandos de uma comunidade de um certo local, ele deve, antes de tudo, respeitar a cultura e os níveis de percepção / daquela comunidade. Esse educador, nas suas diferentes relações com grupos de educandos, se defronta com um problema que tem duas faces. De um lado, em nome do respeito ao grupo, ele pode cair numa posição falsa, a que eu chamaria de espontaneísta. O espontaneísmo seria, em última análise, deixar que as coisas corram para ver como elas correm, ou seja, deixar os educandos entregues a eles mesmos. E o que se tem provado através da história é que o espontaneísmo só tem ajudado os opressores e não os oprimidos.

O outro risco do mesmo problema é a domesticação, a manipulação, o não acreditar na capacidade, ou ele (o educador) diz: "Não! eu tenho objetivos bem claros. Se essa comunidade não pode ver ou prever, eu vejo e prevejo as coisas, então , eu a dirijo para a sua libertação".

O problema que se coloca para o educador, seja ele sociólogo, padre, psicólogo etc, é, de um lado recusar duramente, conscientemente e criticamente o espontaneísmo. Do outro lado não descambar para as formas manipuladoras.

O importante e difícil, é estabelecer uma unidade educador-educando, de forma que o educador está com os educandos

e não sobre eles; não está para, mas sim com eles.

Se você trabalha apenas para eles, você está traba- / lhando sobre eles. Trabalhando sobre eles, trabalha anti e não para os educandos. Parece complicado esse raciocínio mas no fundo não o é.

Eu só trabalho com o povo ou com a comunidade na medi- da em que não imponho a minha presença, mas ela se impõe a- través da prática que se realiza com o povo. Isso não é mui- to fácil, porque todos nós temos pela formação, uma série de desvios e distorções. Nossa oportunidade única de acertar é, em primeiro lugar ter uma prática com alguma comunidade e principalmente ter abertura para a crítica. Se não tivermos/ essa abertura acabaremos ora no espontaneísmo, ora descambare- mos para a manipulação do povo.



EVASÃO ESCOLAR

Só na passagem da 1^a para a 2^a série primária, perde-se mais da metade dos alunos matriculados. No conjunto de todo o curso, a perda é ainda maior.

Entre as principais causas destes problemas inclui-se:

- a necessidade das famílias pobres, principalmente as do campo que precisam do trabalho das crianças, deixando-as sem tempo para estudar;
- as grandes distâncias existentes entre as casas e as escolas, sobretudo na zona rural, exigindo esforço demasiado e perda de tempo dos alunos;
- a falta de recursos de grande parte das famílias brasileiras para a aquisição de livros, material escolar e roupa para as crianças.

Fonte: Brasil em dados 75.

\$

Atendendo determinação do Ministro Ney Braga, o Ministério de Ed. e Cultura realizou um estudo destinado a servir de subsídio a uma política do ensino pré-escolar no Brasil. Uma das conclusões finais do trabalho foi a de que 70% das crianças brasileiras entre dois e seis anos de idade não recebem a assistência de que necessitam em setores essenciais / da vida humana: nutrição, condições sanitárias, etc. "O resultado desse quadro de pobreza, abandono, falta de higiene, acrescenta o mesmo estudo, acaba por se refletir no ensino fundamental, explicando os impressionantes números de repetência e de evasão escolar que ainda se verifica".

Este artigo foi copiado da revista "FATO " Nº 2 do

C.N.L. da C.N.B.B.

\$

NOTÍCIA

* No Parã, 150 colonos foram espancados, amarrados pelas mãos, amontoados num caminhão que os transportou até a sede da Fazenda Ponto Alto; tudo isso praticado por soldados transportados ao local num avião dos fazendeiros que aparentemente os comandavam. Na fazenda, os lavradores foram novamente espancados por soldados e capangas dos fazendeiros que exigiam a desocupação das terras em que moram 218 famílias de colonos.

(E.S.P.- 09/07/77).



A Missão da Igreja

"No campo social a Igreja teve sempre dupla preocupação: iluminar os espíritos... e entrar na ação para difundir as energias do Evangelho". (Papa Paulo VI, "Octogesima Adveniens", 48).



Jesus mandou a Igreja anunciar e promover a libertação dos homens. Isso não pode ser feito só com palavras. A Igreja tem que arregaçar as mangas e colocar-se do lado dos mais fracos.

Para seguir o exemplo de Jesus, a Igreja tem que se comprometer com todos os pobres que vivem em situação difícil; de fato, a maior prova de que existe pecado no mundo é ver alguns segurarem as riquezas em suas mãos, deixando os outros viverem uma vida ruim. (Ver Mateus 11,5; Lucas 4,18).

Revista: "EXIGÊNCIAS CRISTÃS DE UMA ORDEM POLÍTICA"

(Versão Popular)

DIOCESE DE S. MATEUS - ARQUIDIOCESE DE VITÓRIA -E.S.

1977

CENTRO DIOCESANO DE
PASTORAL

NOVA IGUAÇU

- 20 -

VROS - LIVROS - LIVROS - LIVROS - LIVROS - LIVROS - LIVROS - LI
BIBLIOTECA

O CANTO NA FOGUEIRA, Frei Fernando, Frei Ivo, Frei Betto -
Ed. Vozes Ltda. 1977 - 348 p. (Cz. 90,00)

O título deste livro refere-se aos acontecimentos vividos por três jovens hebreus no Antigo Testamento (Daniel 3,1-96) que, por terem resistido às ordens absurdas de um rei opressor, foram condenados à morte na fogueira, da qual, foram salvos pelo poder de Deus.

O canto na fogueira apresentado neste livro foi cantado / nos anos 1969 a 1973, nos porões de um cárcere político por três jovens: Betto, Fernando e Ivo, três religiosos Dominicanos, condenados à prisão sob acusação de "crimes" políticos.

São 171 cartas dirigidas a parentes, amigos e confrades, cada qual descrevendo o dia-a-dia da experiência do sofrimento e da cruz de Cristo por eles vividos.

Acreditamos que a leitura destas cartas possa despertar / em muitos a coragem de assumir radicalmente o compromisso da fé, tornando-se testemunhas de Cristo na Igreja e no mundo de hoje.

SETA NUMA PLACA EM BRANCO, Zilda Filgueiras - Ed. Vozes Ltda., 1976, 66p.

Depoimento sobre uma tentativa de apostolado leigo numa / das mais famosas favelas do Rio de Janeiro, a Mangueira. Em vibrantes páginas narradas, com a sensibilidade e toque literários dignos de um romance, a autora descreve seu encontro com o mundo da favela e dos seus habitantes e as dificuldades e frustrações que ali encontra o trabalho de evangelização.

Em tom sofrido e, ao mesmo tempo, com muita vivacidade, ela lança idéias novas e práticas de apostolado, que podem ser vir de setas orientadoras para outros que pretendam levar a Boa-Nova de Cristo aos mais pobres irmãos que vivem na miséria, ignorância e abandono mais completos.

=====

Os livros acima mencionados podem ser encontrados na:

LIVRARIA DO CEPAC - Rua Capitão Chaves, 60 -
26.000 - Nova Iguaçu-RJ.